

UMA RAPARIGA LOIRA NO COMPASSO DO DESEJO

*Maria Nazareth Soares Fonseca**

RESUMO

Este artigo tem como objetivo a leitura do conto “Singularidades de uma rapariga loira”, de Eça de Queirós, a partir do reconhecimento de estratégias literárias que compõem um olhar irônico sobre as estranhezas e singularidades de uma jovem, comparando-as com os valores da sociedade burguesa.

A história que o conto “Singularidades de uma rapariga loira” fala de sedução, de fetiches e de transgressões. Mas toca, principalmente, na manifestação do desejo e nos desvios e deslocamentos através dos quais ele se manifesta; em atos e trivialidades, ou melhor, em singularidades, que, no conto, traçam o perfil de uma mulher que já vem anunciada no título.

Se considerarmos, no entanto, que todo texto é, conforme a bela imagem de Jorge Luís Borges, “um jardim de caminhos que se bifurcam”, é bom ficar atento para não cair na tentação de ler o título ao pé da letra e com ele percebermos apenas a rapariga. Se optarmos por esta direção, vamos percorrer caminhos e alamedas do texto-jardim, sem nos determos na contemplação das flores e dos canteiros. Mas poderemos optar pela contemplação das flores ou por nos determos para aspirar o perfume que emana dos canteiros, correndo o risco de nos perdemos pelos caminhos, de nos enganarmos nas encruzilhadas e sermos conduzidos ao inesperado. Qualquer decisão, por certo, faz parte de um pacto que o leitor, conscientemente ou não, assume com o texto e com as estratégias acionadas por ele, num jogo cujo resultado é, no entanto, sempre imprevisível (Eco, 1993). Confesso que a segunda opção é sempre mais atraente e é sedutor deixarmo-nos levar pela prova de que o texto nos deseja. E há no texto vários acenos e rupturas de linguagem que nos convidam à fruição e ao

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

jogo. (Barthes, 1983)

No conto de Eça de Queiroz, é, pois, prudente desde logo desconfiarmos de uma história aparentemente tão simples e tão corriqueira que o narrador nos passa, informando-nos que a ouviu de uma outra pessoa, numa certa noite fria de um mês de setembro: “Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário...”. (p. 705)

O que nos narra o conto é, portanto, uma história de segunda mão: Macário, o senhor dos acontecimentos, conta sua história ao narrador que a transmite ao leitor. Se o leitor estiver muito apressado, interessado em sair depressa do texto, sem ser perturbado pelas armadilhas que foram acionadas, vai concordar com o narrador quando diz ser o conto *um caso simples, uma história trivial, um acidente singular*. Mas é esse mesmo narrador artilheiro que arremata o seu raciocínio, dizendo-nos que a história lhe pareceu *uma história terrível*. Terrível por quê? A indagação já nos remete a um outro modo de leitura. Mas, voltaremos ao julgamento do narrador mais tarde; por enquanto vamos esmiuçar a narrativa, tentando compreender os lances de que o narrador se utiliza para nos contar a história, trivial, singular, terrível... Caminhos que se bifurcam no prazeroso jardim textual.

Logo no início do conto, a descrição minuciosa que é feita da personagem Macário e o destaque acentuado para as características morais, para os atributos de caráter do homem que o narrador acabava de conhecer, constituem aspectos que devem ser relevados. Ao detalhar o tipo físico de Macário, a elegância do seu vestuário, o narrador perscruta os sinais do caráter do hóspede da estalagem do Minho, *destacando* “os seus olhos pretos, (...) (que) tinham uma singular clareza de rectidão – por trás dos seus óculos redondos com aros de tartaruga” (Queiroz, s.d.). A informação sobre retidão de caráter vem misturada aos detalhes do vestuário do hóspede: gravata de cetim preto, casaco comprido de cor de pinhão, colete de seda e camisa bordada. Em meio a tantos detalhes, pode passar despercebida. Noutra parte, quando nos fala da importância da família a que pertencia Macário, o narrador salienta:

... eu tive logo do seu carácter uma idéia simpática, porque os Macários eram uma antiga família, quase uma dinastia de comerciantes, que mantinham com uma severidade religiosa a sua velha tradição de honra e de escrúpulo.

Assim, antes mesmo de podermos compreender a história de Macário e o que lhe acontecera no passado, o narrador, destacando-lhe a honestidade do caráter, persuade o leitor a simpatizar-se com a personagem e a acreditar na sua versão dos fatos. Técnica de sedução, artimanha de persuasão que podem nos apanhar em nossa ingenuidade de leitor apressado, encantado com as minúcias que o narrador vai-nos fornecendo sobre o vestuário e a estalagem onde narrador e o personagem se encontraram. Mas, por outro lado, a tática do narrador pode aguçar a nossa desconfiança e nos impelir a buscar outros caminhos, diferentes dos que nos são apontados por ele. E, assim, ainda que percebendo os detalhes do vestuário e dos móveis da estalagem e

também as indicações do caráter da personagem, alcançaremos outros indicadores que o texto sonega a quem passa distraído pelo bosque da ficção, percorrendo somente o caminho indicado pelas setas, indicadoras de saída rápida e segura.

A história de Macário é finalmente contada e nela entra a rapariga loira, ou melhor, a rapariga loira é nela introduzida depois de o narrador nos dizer que a primeira agradável impressão que Macário tivera das mulheres que foram habitar “um terceiro andar, defronte ao armazém”, viera através de uma mulher de quarenta anos, vestida de luto, de pele muito baça e busto bem feito e redondo. A imagem daquela mulher “com o cabelo preto solto e anelado, um chambre branco e braços nus”, sacudindo um vestido numa janela de peitoril foi a primeira estimulação de prazer que leva o jovem Macário a perceber a monotonia da vida de um escriturário de vinte e dois anos, encarregado das anotações diárias nos livros de contabilidade de um armazém de interior. Só depois é que aparecem os cabelos louros que enfeitavam uma rapariga “fina, fresca, loira como uma vinheta inglesa”, que, sedutoramente, se mostra a Macário, para depois se esconder por trás de uma cortina de cassa bordada. Noutro momento, a moça se mostra inteira a ele, disfarçada, todavia, por uma fina ventarola chinesa, que o rapaz *contabiliza* como prova indubitável dos hábitos nobres da desconhecida. Para o leitor atento, o leque, assim como a cortina de cassa bordada são pistas que o narrador sagaz vai deixando na narrativa, traços que nos permitem perceber, desde logo, alguma coisa do caráter da rapariga loira. Para intensificar o jogo, o namoro de Macário com a rapariga começa antes mesmo de os dois se conhecerem, pois, é a cortina de cassa bordada que se faz reveladora das intenções dos dois. Por isso, leque e cortina constituem-se metonímias de intenções apenas sugeridas e se mostram como elementos com que o texto nos acena para perceber singularidades. Da rapariga? Do tímido Macário? Ou de um texto que se compraz em mostrar-se sedutor como uma cortina que se ergue devagarinho e nos deixa espreitar, sem nada ver, por enquanto, o que se passa na história?

De cortina que, conforme salienta o narrador, tem na vida amorosa um interessante significado, e de leque chinês em mãos de rapariga loira, passamos para o balcão do armazém onde duas mulheres, uma morena e a outra loira, apreciam casimiras pretas, mas desejam lenços da Índia que, na azáfama da visita, desaparecem. Coisa corriqueira em armazém. Pelo menos em armazém em que um guarda-livros vende casimiras e lenços, mas certo de que a visita das mulheres significava uma declaração de amor. Do armazém, o leitor é conduzido à primeira visita de Macário à casa da Vilaça, onde a mais velha das irmãs Hilárias recorda os episódios pitorescos da “Última corrida de touros à Salvaterra”, com detalhes minuciosos da morte do conde dos Arcos. Uma confusão se forma não mais na corrida, mas na mesa de jogos da casa da Vilaça, onde uma peça de ouro, que luzia e faiscava, desaparece sem deixar que se ouça, “no soalho de tábuas o seu ruído metálico. Uma peça de 7\$000 réis!”. Um dinheirão que se desmancha no ar e no mistério de lenços da Índia e moedas de ouro que se escondem como num passe de mágica. Do sumiço da peça de ouro, pas-

sa-se rapidamente ao pedido de casamento de Luísa. Ah!, a rapariga loira se chamava Luísa. Pedido de casamento, não consentimento do tio Francisco, saída de Macário do armazém, tentativa de conseguir novo emprego, recusa de Luíza em permanecer comprometida em segredo, porque a situação de penúria do noivo não permitia a oficialização do noivado; recusa do Tio Francisco em aceitar Macário, casado:

— *Solteiro (...), ou então rua!*, diz ao jovem tímido e sonhador o velho déspota. (p. 718)

Partida de Macário para Cabo Verde, onde conheceu:

os duros sóis das colónias, a brutalidade tirânica dos fazendeiros ricos, o peso dos fardos humilhantes, as dilacerações da ausência, as viagens ao interior das terras negras e a melancolia das caravanas que costeiam por violentas noites, durante dias e dias, os rios tranquilos, de onde exala a morte. (p. 718-9)

Nova volta a Portugal, casamento marcado para daí a um ano, perda de todo o seu dinheiro num “*embróglio doloroso*”, mas, em meio a tanta desgraça, dá-se o milagre: o reconhecimento das virtudes morais do Macário, pelo Tio Francisco que, misteriosamente, o faz sócio do armazém e o incentiva a casar-se. De bem com a vida e com Luísa, Macário, sempre justo, honesto e trabalhador, se sente completo e feliz. Mas, na loja do ourives, onde leva Luísa para escolher um presente, “entre montras forradas de veludo azul, onde reluziam as grossas pulseiras cravejadas, os grillhões, os colares de camafeus, os anéis, as finas alianças frágeis como o amor” (p. 721), uma jóia desaparece: um anel com dois brilhantes. Só então Macário percebe a singularidade de Luísa e o leitor, se esteve atento, compreende que tal singularidade já estava indicada pelo movimento de uma cortina que impede uma visão clara, mas revela. O jogo estava lançado desde início para distrair/atrainr o leitor. Ora, se Macário conta a sua história ao narrador, depois de passados tantos anos, deve tê-lo feito com maior clareza, querendo sair logo do *embroglio* e ficar livre da história. Nesse caso, o lusco-fusco, o entreabrir de cortinas e de mangas, que escondem jóias, ficam por conta das artimanhas de um narrador que sonega informações mais claras, mas deixa pistas por onde conta. A própria descrição minuciosa de vestuários, leques e corridas de touros em Salvaterra faz parte do jogo que visa prender o leitor com detalhes fúteis para desviá-lo das pistas que são jogadas pelos caminhos do texto.

É interessante retomarmos, agora, algumas informações que foram sendo lançadas no decorrer deste trabalho. O título do trabalho fala de desejo e sugere as singularidades do desejo manifesto em Macário, que deseja Luísa, mas é seduzido pelo aspecto pálido da mulher de preto, principalmente, pelo busto bem feito e redondo de aspecto desejável. Em Luísa, portanto, amou primeiro o que nela refletiu a sedução que a mulher de negro lhe transmitia. Por isso, não amou realmente Luísa e, se a amou, o desejo de Macário ressaltou, nela, outros atributos. Destacou *os traços frescos de uma vinheta inglesa, a transparência das velhas porcelanas, as linhas puras de uma medalha antiga*, traços que faziam dela inspiração para poetas pitorescos que a te-

riam chamado — *pomba, arminho, neve e ouro* (p. 709), esvaziando-a de vida. Macário amou em Luísa os atributos que ele colocou nela, as projeções de sua fantasia. Fez dela possibilidade de continuar desejando a mulher de preto *de lábio forte e perfil aquilino e firme*. Por isso, em sua história, Luísa transita como estampa, como gravura colorida, objeto exótico como o leque chinês, visto à distância. Esmaecendo a moça, transformando-a em personagem dos seus sonhos de rapaz de caráter reto, continua a admirá-la, sem vê-la de fato, sem sequer conhecê-la.

Por outro lado, Luísa vive o desejo em sua transgressão. Não quer a mornidão da vida que Macário vive; prefere o risco com que agride, ainda que sublinaramente, a pequena sociedade a que pertence. Por isso, numa estratégia de disfarces, escolhe a casimira preta que combina com o luto que Macário vê na mulher de preto, mas deseja lenços da Índia, o brilho do ouro e dos diamantes, elementos que indiciam a transgressão à ordem dos Macários e a possibilidade de andar em outra direção. É na transgressão que Luísa se pessoaliza, na medida em que desliza do espaço em que o olhar de Macário a aprisiona e desce do peitoril da janela em que seduz o guarda-livros com cortinas e leques. É ainda na transgressão que Luísa exhibe seu desejo através de atos que subvertem o mundo e colocam pelo avesso o lugar das chamadas pessoas de bem. No entanto, ao alçar Luísa no espaço de suas fantasias, Macário também rouba. Rouba a possibilidade de Luísa existir fora de um sistema regido por leis severas, pela dureza de proprietários como o Tio Francisco, com “os seus princípios antigos, autoritários e tirânicos” (p. 716). Ao se tornar sócio do tio, Macário se afasta do risco, que o levava a Cabo Verde, e transforma-se em representante de uma ordem que dá segurança e ratifica a moral defendida por essa mesma ordem.

Agora já é possível voltar ao comentário do narrador, sobre a história que ouviu e compreender o “terrível” com que nos aponta a falsa moral da classe burguesa a que pertencia o seu companheiro de estalagem.

A teoria psicanalítica admite que é difícil conceber a idéia de perversão fora da referência a uma norma. E adianta ainda que a chamada sexualidade normal não é um dado da natureza. As perversões são variantes da normalidade, uma forma de o indivíduo obter lucro de prazer. Daí que esse lucro de prazer pode estar na curiosidade de esmiuçar cenas à distância, como faz Macário que se deleita em ver Luísa no peitoril da janela, abanando-se com uma ventarola, que o seduz. A descrição minuciosa do objeto demonstra a fixação da personagem no objeto, fetiche de sua atração pelo exótico, pelo não comum, logo, pela transgressão, desde que aprisionada em quadro à distância, não ameaçando a ordem social a que pertence. Por outro lado, as expressões de um prazer mais concreto são desviadas para a mulher de preto, que o seduz desde a primeira vez que a vê na janela e cuja lembrança o faz enroscar-se na cadeira de vime, *como os gatos sensíveis que se esfregam* (p. 709). É essa soberba mulher, *formosa dama*, que povoa os sonhos do rapaz sem que ele se dê conta, porque está embevecido em ver Luísa, sempre presa às suas fantasias de rapaz de bem, de família tradicional, emoldurada num quadro à distância, ou em circunstâncias que fa-

zem dela também uma representação da sociedade a que pertence. Tanto Macário como Luísa vivem o desejo através de mediações que os impedem de chegar, realmente, ao Outro, de compartilhar prazer não contabilizado. Delineado pelo código social, Macário deseja Luísa, através do desejo que sente pela mulher de preto. E Luísa? Luísa deseja o risco, a transgressão, o jogo que a possibilita sair do modelo, do quadro e viver intensamente, ainda que punida, o seu desejo. Ambos são representantes da tradição da sociedade burguesa e almejam conseguir o que desejam: um quer ser honrado, reto, exemplar; a outra quer ter o que deseja a qualquer preço.

Este é o quadro que o escritor Eça de Queiroz constrói para denunciar a falsidade da sociedade burguesa, apontando estranhezas e singularidades com a finura do seu olhar irônico. Por isso a história pode parecer “terrível”. Terrível porque desvela o lado não comportado do ser humano, brincando com padrões de comportamento singular.

RÉSUMÉ

Cet article a pour but la lecture du conte “Singularidades de uma rapariga loira”, de Eça de Queiroz, à partir de la reconnaissance des stratégies littéraires qui composent un regard ironique sur les étrangetés et les singularités d’une jeune-fille en comparant celles-ci aux valeurs de la société bourgeoise.

Referências bibliográficas:

01. BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1983.
02. ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
03. QUEIROZ, Eça. Singularidades de uma rapariga loira. In: QUEIROZ, Eça. **Obras completas de Eça de Queiroz**. Porto: Lello & Irmão Editores, [s.d.].